

Favela, espaço e sujeito: uma relação conflituosa

Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves*
Denise Aparecida do Nascimento**

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo explicitar a relação conflituosa que há entre sujeito/território, centro/periferia usando como referência textual o livro *Quarto de despejo*: diário de uma favelada (1963), de Carolina Maria de Jesus. Para pensarmos na favela enquanto “espaço socialmente vazio” conforme Zygmunt Bauman, faz-se necessário recorrer às reflexões explícitas em *Modernidade Líquida* (2001), assim como nos apoiaremos no pensamento do também sociólogo Jessé Souza sobre a invisibilidade social, além das considerações acerca de território, lugar e espaço do geógrafo Rogério Haesbert.

Palavras-chave: Favela. Centro. Conflito. Invisibilidade. Carolina Maria de Jesus.

Introdução

A arte literária chama atenção para áreas de experiência que de outro modo passariam despercebidas. (Yi Fu Tuan)

O vazio do lugar está nos olhos de quem vê
e nas pernas ou rodas de quem anda.
(Zigmund Bauman)

A ideia de pertencer a um lugar ou a um grupo é tão antiga e necessária para o sujeito quanto respirar. É na interação com o outro que o “eu” realiza sua existência. O princípio da alteridade só tem razão de existir em relação ao outro. Então o que fazer quando o “eu” ocupa um território inexistente aos olhos do outro?

Nessa perspectiva traçamos algumas reflexões sobre a favela e a multiplicidade de significados que a circundam, assim como sua relação com os indivíduos igualmente multifacetados que as ocupam. Esses lugares produzem ou perpetuam “sujeitos deslocados” – citando Edward Said (2003, p. 209) – que estão sempre buscando um lugar com qual se identificar, fixar raízes.

O presente trabalho pretende refletir a condição do morador de favelas e suas representações no intuito de explicitar a relação conflituosa que há entre sujeito/território. Como o sujeito favelado se percebe diante da sociedade e como é percebido pelo meio. Além desse ponto focaremos a questão da visibilidade/invisibilidade de locais periféricos, pois percebemos nos discursos midiáticos uma naturalidade em relacionar miséria com violência. Para tanto tomamos como referência o livro *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada (1963), da escritora Carolina Maria de Jesus, uma vez que concebemos a autora como representante do sujeito desacomodado que desafia cânones (literário e urbano) com sua escrita-denúncia, que “fere” a norma culta da língua portuguesa, além de descrever um espaço urbano que insiste em não ser reconhecido.

Inicialmente buscaremos a história da formação das favelas. Para tal empreendimento faremos um breve recuo histórico até *Os Sertões* de Euclides da Cunha, livro publicado originalmente em 1902, e as consequências do confronto em Canudos em finais do século XIX. De acordo com os apontamentos de Lícia do Prado Valladares (2005), a primeira aglomeração a ocupar um território de

maneira desorganizada surgiu no Rio de Janeiro e foi formada por soldados que lutaram em Canudos. Na sequência teceremos algumas considerações a respeito da invisibilidade social que envolve o sujeito negro contemporâneo, seguindo as reflexões do sociólogo Jessé Souza em seu livro *A invisibilidade da desigualdade brasileira* (2006).

Trabalharemos ainda os conceitos de território, lugar e espaço seguindo os esclarecimentos de Rogério Haesbaert em *O mito da desterritorialização* (2007) e Yi Fu Tuan em *Espaço e Lugar* (1983). Seguindo, pensaremos na favela enquanto “espaço vazio”, conforme Zygmunt Bauman em *Modernidade Líquida* (2001). Em seguida passaremos à análise do diário de Carolina, à luz dos conceitos supracitados, e finalmente apresentaremos a conclusão do artigo aqui proposto.

A invisibilidade a partir de Canudos

A história nos conta e reconta o processo de inserção do sujeito negro e ex-escravo na sociedade brasileira recém-abolição. A partir do fim do regime escravocrata no século XIX, com a libertação dos escravos o contingente populacional cresceu de maneira exorbitante. O processo abolicionista favoreceu a emancipação da população negra cativa, mas não os livrou dos estigmas da escravidão com a mesma velocidade. Era difícil, inclusive, para muitos negros se desvencilharem dos grilhões que os prendiam. Com a nova situação social do país, o *status quo* do negro mudou para pior, de serviçais e cativos passaram “a vagabundos, ociosos e desorganizados social e moralmente...” (WISSENBACH, 1989, p.52).

Vale ressaltar que a experiência da escravidão era, obviamente, vista e sentida de maneiras diferentes para os senhores e seus escravos; assim, o sentido de liberdade também carregava valores que diferiam entre esses segmentos. Se para os senhores liberdade era manter o “fôlego vivo”, para os ex-cativos, liberdade se concretizava “de imediato, na realização de desejos e na posse de objetos que lhes haviam sido proibidos quando eram escravos” (WISSENBACH, 1989, p.53). Era necessário um retorno às raízes, esse era o gosto da liberdade. Quando os negros fugiam, reuniam-se nos quilombos, um pedaço da África mãe, onde reviviam práticas comuns com seus iguais. Com o fim dos quilombos e com a abolição, todos se dispersaram. Logo perceberam que ser livre no meio daqueles que os escravizaram fazia a liberdade perder o sentido.

Após a abolição os negros saíram a esmo e foram se juntando a outros grupos de homens livres, porém igualmente marginalizados, tais como os mestiços e os índios:

A territorialidade negra se manteve em bairros rurais originários de doações de parcelas de terras aos libertos, algumas delas anteriores à Abolição, em grupos de remanescentes de quilombos ou de simples ocupantes das terras e, principalmente, nos agrupamentos negros existentes nas cidades brasileiras (WISSENBACH, 1989, p.53).

O grupo formado por esses novos “cidadãos” mudou o perfil socioeconômico do país, uma vez que vários outros vinham de diferentes regiões e traziam consigo marcas particulares de seus lugares de origem, favorecendo a diversidade cultural que já se instalava no Brasil. Contudo, como vinham de uma experiência de cativo, esses negros não se fixavam em terra alguma. Trabalhavam em propriedades alheias, recebiam pelo serviço prestado e partiam rumo a novas terras e novos trabalhos. Desse modo, os negros acrescentaram em sua longa lista de adjetivos negativos mais um termo: nômades. O nomadismo se caracteriza pela não fixidez habitacional – o que soa como uma negação à vida de cativo que levavam anteriormente. Essa mobilidade pode ser compreendida conforme Wissenbach:

Mobilidade provocada, sem dúvida, por um sistema que relegava aos homens livres um viver à margem e um aproveitamento residual, a estrutura da sociedade escravocrata engendrou homens andarilhos, “sem vínculos, despojados, a nenhum lugar pertenceram e a toda parte se acomodaram” (1989, p.53).

Esse cenário móvel foi sofrendo algumas alterações à medida que foram eclodindo guerras localizadas dentro do Brasil e o exército ia recrutando andarilhos, desocupados e tropeiros, ou seja, os negros recém-livres. Esses, para escapar dos recrutamentos, passaram a se esconder ou se “acomodar” em territórios afastados dos centros urbanos. Foram recrutados primeiro para a Guerra do Paraguai¹ e depois para qualquer outro conflito que surgia.

Julgamos necessário fazer, nesta altura do trabalho, um retrocesso na história e buscar em Canudos – no sertão do estado da Bahia – uma relação na gênese, na formação dos territórios da pobreza que ainda assolam a sociedade brasileira. Pensamos ser relevante apontar as dimensões históricas que favorecem a compreensão da pobreza e da marginalidade que também justificam sua permanência (VALLADARES, 2005, p.). A Guerra de Canudos² durou um ano e mobilizou mais de dez mil soldados oriundos de dezessete estados brasileiros e distribuídos em quatro expedições militares. Estima-se que morreram mais de vinte e cinco mil pessoas, culminando com a destruição total da cidade.

O fim da Guerra de Canudos se deu em 1898 com a vitória do exército sobre os sertanejos. Os soldados que lutaram no confronto não receberam o salário que lhes era de direito, decidiram ir para o Rio de Janeiro (a capital do país) pressionar o Ministério da Guerra. Não conseguiram reaver o soldo atrasado e, sem condições financeiras, se instalaram no Morro da Providência – posteriormente rebatizado Morro da Favella³ – e por lá ficaram esquecidos. Mais tarde outros tantos se juntaram a eles vindos de diferentes partes do Brasil e por motivos diversos foram se juntando, e em pouco tempo o lugar se consolidou como um território de ocupação ilegal, irregular, sem respeito às normas ou à lei conforme relatado por Valladares: “[...] em 1900 o Jornal do Brasil proclamava ser aquele um lugar ‘infestado de vagabundos e criminosos que são o sobressalto das famílias’ ” (VALLADARES, 2005, p. 26). Mais adiante a autora reproduz a fala de um delegado:

Se bem que não haja famílias no local designado, é ali impossível ser feito o policiamento porquanto nesse local, foco de desertores, ladrões e praças do exército, não há ruas, os casebres são construídos de madeira e cobertos de zinco, e não existe em todo o morro um só bico de gás (VALLADARES, 2005, p. 26-27).

É nesse cenário que os negros, fugindo do passado de dominação, chegaram e ocuparam as periferias das grandes cidades e se tornaram invisíveis. Esconder-se em morros que pudessem dificultar o acesso das autoridades era uma maneira de impor barreiras aos desmandos burgueses e, ao mesmo tempo, de reorganizar suas vidas:

[...] contornando os resquícios do domínio escravista, os flagelos da fome e das secas, fugindo dos alistamentos e das conturbações políticas, buscando novos espaços sociais que permitissem minimizar não só as mazelas do desenraizamento, como também a condição de exclusão pretendida pelos projetos modernizantes das elites brasileiras (1989, p.60).

Como uma das muitas consequências de uma abolição sem planejamento, poucas opções de moradia restavam aos ex-escravos, que formalmente estavam livres, mas não conseguiram se livrar das condições sub-humanas às quais foram submetidos por tantos anos.

A invisibilidade historicamente forçada da qual a população negra desfruta, ainda hoje, pode ser lida como o resultado do processo de humilhação social, construída durante séculos. A instabilidade socioeconômica que se instalou no Brasil na virada do século XIX somada ao crescimento populacional – os negros recém-libertos foram tangidos para o mundo e chegaram aos “grandes” centros – desencadearam profundas reformas no cenário urbano, que de certa forma já “[...] concebia a disciplinarização da pobreza, segregada em espaços ‘marginais’”, como diz Haesbaert em *Territórios Alternativos* (2006, p.93).

A invisibilidade social: breve panorama

Em 2006, o sociólogo Jessé Souza lançou o livro *A invisibilidade da desigualdade brasileira*, tendo como tema central a invisibilidade social em determinado grupo de indivíduos. Nesse livro Souza desenvolve, com alguns autores clássicos da sociologia nacional, tais como Sérgio Buarque de Holanda, Roberto DaMatta e Gilberto Freyre, uma discussão sobre a formação da identidade brasileira. Segundo Souza, esses autores, ao tentarem construir em suas obras uma identidade nacional do povo brasileiro, caem em uma “teoria emocional da ação” que é... “como se todos os indivíduos dessas sociedades ‘integradas emocionalmente’ fossem essencialmente semelhantes, sem qualquer divisão de classe, e apenas diferissem na renda que ganham” (SOUZA, 2006, p.14). Para Souza, é uma espécie de “*melting pot*” nacional que não separa grupos de indivíduos e suas histórias particulares. Ainda que exaltem as qualidades desse povo, os sociólogos não abordam as possíveis principais causas da desigualdade no país. Souza critica os esquemas explicativos utilizados pelos sociólogos, pois para ele, esses tendem a perder sua relação com qualquer realidade mais ampla a partir do momento que eles tentam explicar o comportamento do brasileiro pela colonização portuguesa, ignorando a interlocução com outras culturas periféricas. Ao discordar dos clássicos da sociologia, Souza apresenta possibilidades concretas para o desenvolvimento de teorias sociais críticas que possam explicar o Brasil e sua gente, pois “[p]ara compreender a desigualdade brasileira é necessário compreender o Brasil contemporâneo na sua extraordinária complexidade” (SOUZA, 2006, p.10).

Souza não acredita que apenas descrever a realidade das pessoas socialmente humilhadas possa definir o que é desigualdade e sua origem social. Para o autor é preciso articular a história de vida desses sujeitos invisíveis com a história do Brasil e com teorias sociais sólidas.

É importante ressaltar que ser ou tornar-se socialmente invisível é fenômeno que não está associado à etnia e sim à questão econômica. Vale lembrar o caso de Fernando Braga da Costa – homem, branco, jovem e de classe média alta – que em 1996, ainda estudante de psicologia, iniciou uma pesquisa a fim de comprovar a existência da invisibilidade pública por meio de uma mudança de personalidade ou comportamento.

Por oito anos – tempo de duração da pesquisa – Costa alternava sua personalidade entre estudante de psicologia e gari dentro da mesma instituição em que estudava, a USP. O psicólogo relata que quando vestia o uniforme de gari não era reconhecido pelos professores nem pelos colegas do curso. Sua experiência foi transformada no livro *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social* (2004). Nele o autor deixa claro que a invisibilidade é um conceito aplicado a seres socialmente invisíveis e que atinge indiferentemente a homens, mulheres, negros e brancos desde que compartilhem a mesma faixa econômica – leia-se baixa renda –, todos se tornam assim invisíveis, seres sem nome.

Território, espaço e lugar

De forma direta, território é uma área geográfica demarcada por um indivíduo ou um grupo de indivíduos que exercem “poderes” percebidos em várias instâncias: políticos, econômicos, sociais e culturais. Já o espaço pode-se pensar como um elemento naturalmente “dado”, mas seu sentido só surge depois que o território é trabalhado e transformado pelo homem. Nesse caso, podemos compreender que o espaço é onde se exercita e compreende a sensação do pertencimento. Nele estão presentes todas as simbologias da existência.

Para Rogério Haesbaert, espaço e território são componentes indissociáveis à condição humana: “não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, sem ao mesmo tempo inseri-los num determinado contexto geográfico, ‘territorial’ ” (HAESBAERT, 2007, p.20). No processo de territorialização os sujeitos vão além da necessidade da apropriação de um espaço, ali as alteridades desenvolvem laços de convívio.

É importante salientar que Haesbaert analisa o território a partir de uma tríplice abordagem: jurídico-política, econômica e cultural. Assim, além do caráter do poder estatal, salienta o aspecto humano da identidade social presente na constituição do território.

Pensamos território como um “espaço” que se constrói, destrói e reconstrói, em uma dinâmica que relaciona as ações sócio-políticas e culturais, com ações humanas. Nesse sentido, articulamos destruição territorial e sua reconstrução ao processo de desterritorialização e reterritorialização. É válido esclarecer que a destruição não passa necessariamente pelo processo de desaparecimento ou fim da localidade, mas sim pelo processo de adquirir novos valores, novos sentidos.

Yi Fu Tuan em *Espaço e Lugar* (1983) trata de relacionar o conceito de lugar com a afetividade. Para Tuan lugar se diferencia de território no aspecto da valorização, pois são áreas descritas como concretas, transformadas pelo homem e seus interesses. Seguindo sua definição para o termo “lugar” e acrescentando a definição de território, por Haesbaert, concebemos que lugar é o espaço do dia-a-dia, experienciado no cotidiano, e território é o espaço de atuação dos poderes institucionalizados. Para ambos os geógrafos o espaço, quando é dominado pelo homem, torna-se lugar/território.

Zygmunt Bauman questiona em seu livro *Modernidade Líquida* (2001) se a modernidade não seria a grande responsável pela perda dos valores, pela desmitificação dos ritos e, principalmente, pela liquefação das certezas. Segundo Bauman, é nesse processo moderno que os espaços urbanos surgem não como abrigo, mas como o próprio algoz do homem, são aqueles que oferecem perigo e solidão. Ao traçar a evolução da vida urbana, o autor se depara com as fronteiras visíveis e invisíveis que restringem o direito de ir e vir do cidadão urbano.

Bauman também fala dos espaços. Mas o teórico vai um pouco além, fala de outros espaços, fala também dos vazios urbanos. Aqueles que não possuem significado, que estão situados às margens dos centros urbanos, são vividos e não percebidos, e são rejeitados. Para o autor, lugares sem significados quer dizer não considerados aos olhos de muitos. Um terreno baldio ou uma construção abandonada pode ter o mesmo valor de um bairro inteiro, pois conforme a epígrafe assinalada no início deste trabalho, o vazio depende de quem o vê.

Parece-nos oportuno citar um pequeno relato que Bauman faz sobre uma conferência na Europa. O autor nos conta que foi recebido no aeroporto pela filha de um casal de amigos que demorou quase duas horas no trajeto do aeroporto até ao hotel onde ele ficaria. A jovem se desculpou, mas enfatizou não ter como evitar o tráfego do centro da cidade. Quando Bauman retornou ao aeroporto, preferiu pegar um táxi, que demorou apenas dez minutos no trajeto inverso. Isso aconteceu porque o táxi tomou um outro trajeto, que passava pelo subúrbio da cidade:

[...] o motorista foi por fileiras de barracos pobres, decadentes e esquecidos, cheios de pessoas rudes e evidentemente desocupadas e crianças sujas vestindo farrapos. A ênfase de minha guia em que não havia como evitar o tráfego do centro da cidade não era mentira. Era sincera e adequada a seu mapa mental da cidade em que tinha nascido e onde sempre vivera. Esse mapa não registrava as ruas dos feios “distritos perigosos” pelas quais o táxi me levou. No mapa mental de minha guia, no lugar em que essas ruas deveriam ter sido projetadas havia, pura e simplesmente, um espaço vazio (BAUMAN, 2001, p. 121).

A visibilidade desses espaços ocorre quando esses são relacionados a aspectos negativos, tais como a violência ou a miséria. Daí pensarmos em favelas. Com a chegada dos Estudos Culturais e sua resguardada aceitação no meio acadêmico tornou-se possível estudar objetos “menores” como a periferia dos grandes centros urbanos. É necessário destacarmos nossa compreensão sobre o processo de favelização das cidades.

Para nós, esse fenômeno não ocorre apenas devido à atração de pessoas vindas de meios rurais ou cidades menores. Esses espaços vão surgindo também no interior do próprio meio urbano. Classes dominantes detentoras das forças produtivas articuladas ao Estado produzem cidades planejadas, socioespacialmente desiguais e segregadoras, em que elites residem em áreas privilegiadas e centrais desfrutando dos serviços públicos, e as populações pobres são empurradas para áreas marginais e precárias sujeitas a viver de forma desumana.

No livro *Moradia nas cidades brasileiras* (1988), a geógrafa Arlete Moysés Rodrigues aponta que, a partir da década de 1940, um enorme fluxo de migrantes nordestinos chegou a São Paulo em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Sem lugar para morar, ocuparam terrenos vazios, encostas de morros e áreas precárias. Rodrigues faz um levantamento da origem histórica da favela, mostrando que só a partir dos anos de 1950 começaram a ser vistas como um problema social⁴.

Situando Carolina Maria de Jesus

O barraco é assim: de tábuas, coberto de lata, papelão e tábuas também. Tem dois cômodos, “não muito cômodos”. Um é sala-quarto-cozinha, nove metros quadrados, se muito fôr [sic], e um quartinho, bem menor, com lugar para uma cama justinho, lá dentro... Tem muitas coisas dentro dele, que a luz da janelinha, deixa a gente ver: um barbante esticado, quase arrebitando de trapos pendurados, mesinha quadrada, tábua de pinho; fogareiro de lata, lata de água, lata de fazer café e lata de cozinhar; tem também guarda-comida, escuro de fumaça e cheio de livros velhos e mais duas camas, uma na sala-quarto-cozinha e outra no quarto assim chamado... Isto é o barraco dentro. O barraco fora é como todos os barracos de todas as favelas. Feio como dentro.
(Audálio Dantas na apresentação do livro *Quarto de despejo*, s/p).

A favela surge primeiro da necessidade do onde morar, e só posteriormente o como morar é que preocupa. Casa/barraco de lata, de folha de zinco ou papelão, isso se resolve depois. Na verdade, a imagem das favelas atuais tem variado bastante de uma cidade para outra; algumas já possuem saneamento básico, asfalto e até transporte urbano, contudo os pontos negativos que a caracterizam, tais como violência e miséria, mantêm seu *status quo*. Para muitos, a favela é uma estratégia de sobrevivência: uma saída, uma iniciativa, que levanta barracos de um dia para outro, contra uma ordem desumana e segregadora, mas nem por isso um espaço de acomodação.

Por volta de 1948 Carolina chega a uma favela que nascia e se expandia nas margens do rio Tietê, no bairro do Canindé, na grande São Paulo. Lá chegando foi obrigada a tirar do lixo o seu sustento diário, como faziam centenas de favelados.

Negra, pobre e com baixa escolaridade, Carolina foi alvo de muita discriminação, e recriminada devido ao seu espírito ousado e autônomo, deixou sua cidade natal ainda jovem; essa saída parece perpetuar velhas regras sociais vigentes desde o Brasil do final do século XIX, quando os negros se puseram a caminho de uma vida nova. A dispersão que, normalmente, é resultada por conflitos políticos ou religiosos, em sociedades pós-coloniais como a nossa, tem como principal fator a economia, ou seja, vagar por aí é um legado histórico. Carolina foi sendo empurrada para a periferia pelo desrespeito e pela pobreza:

[...] Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos (JESUS, 1963, p.45)⁵.

Em um determinado trecho, em que narra a morte de um conhecido, também catador de papel, que havia encontrado carne no lixo e comido, Carolina expõe sua percepção sobre sua condição: “[...] Revoltei contra o tal Serviço Social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existência infausta dos marginais” (JESUS, 1963, p.32).

No livro *O negro no mundo dos brancos* (2007), Florestan Fernandes focaliza a integração dos negros na sociedade brasileira a partir de São Paulo. Para ele o estado paulistano guarda, em sua amplitude e diversidade econômica, aspectos do período escravocrata em se tratando da estrutura social. Fernandes define como desajustado aquele sujeito cujas atitudes contrariam as regras de comportamento social impostas pela sociedade. O negro foi exposto a um mundo socialmente organizado para os segmentos privilegiados da raça dominante, mas não ficou inerte. Muitos se rebelaram. Carolina escrevia a fim de denunciar as mazelas pelas quais passavam ela, os filhos e os outros moradores da favela. Ser um desajustado é inconformar-se com as regras e com o *status quo* social vigente. Desse ponto de vista os desajustados são revolucionários, impõem novos comportamentos, são os vistos como “diferentes”: “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos” (JESUS, 1963, p.14). Carolina assim se defendia dos ataques que sofria de seus vizinhos, indivíduos que viviam sob as mesmas condições que ela.

Carolina não se conformava com sua vida na favela e desenvolvia uma relação hostil com o lugar e com os vizinhos: “[...] As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre” (JESUS, 1963, p.29). A realidade de miséria, o comportamento degradante dos vizinhos, inclusive das crianças: “No início são educados, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes. São diamantes que se transformam em chumbo” (JESUS, 1963, p. 37). A falta de solidariedade e a “feiúra”, que contaminava a todos que moravam ali, a instigavam a protestar e a não reconhecer aquele lugar como seu: “[...]Cheguei à favela: eu não acho geito de dizer cheguei em casa” (JESUS,1963, p.39).

Em seu olhar, ora irritado, ora pesaroso, quase sempre dúbio, teremos a representação do universo da favela. A Carolina que aparece ali está sempre dividida entre o desprezo que sente pela gente do lugar: “[...] as mulheres da favela são horríveis numa briga. O que podem resolver com palavras elas transformam em conflito. Parecem corvos, numa disputa” (JESUS, 1963, p. 54); e a solidariedade superior da artista que se afirma diante do seu outro: “[...] o poeta enfrenta a morte

quando vê seu povo oprimido” (JESUS, 1963, p.38). No entanto, talvez os momentos mais fortes de sua narrativa sejam exatamente aqueles em que ela precisa assumir fazer parte desse mundo obscuro, invisível:

[...] Fui na Dona Juana, ela deu-me pães. Passei na fábrica para ver se tinha tomates. Havia muitas lenhas. Eu ia pegar uns pedaços quando vi um preto dizer para eu não mecher nas lenhas que ele ia bater-me. Eu disse para bater que eu não tenho medo. Ele estava pondo as lenhas dentro do caminhão. Olhou-me com desprezo e disse:

– Maloqueira!

– por eu ser de maloca é que você não deve mecher comigo. Eu estou habituada a tudo. A roubar, brigar e beber. Eu passo 15 dias em casa e quinze dias na prisão. Já fui sentenciada em Santos.

Ele fez menção de agredir-me e eu disse-lhe:

– eu sou da favela do Canindé. Sei cortar de gilete e navalha e estou aprendendo a manejar a peixeira. Um nortista está me dando aulas. Se vai me bater pode vir. Comecei apalpar os bolsos.

– Onde será que está minha navalha? Hoje o senhor fica só com uma orelha. Quando eu bebo umas pingas fico meio louca. Na favela é assim, tudo que aparece por lá nós batemos e roubamos o dinheiro e tudo que tiver no bolso.

O preto ficou quieto. Eu vim embora. Quando alguém nos insulta é só falar que é da favela e pronto. Nos deixa em paz. Percebi que nós da favela somos temido. Eu desafiei o preto porque eu sabia que ele não ia vir. Eu não gosto de briga (JESUS, 1963, p.70).

É na esteira da discussão sobre território, desterritorialização e reterritorialização que situamos Carolina Maria de Jesus e a favela. Temos que o fato de ocuparmos uma determinada área já nos identifica socialmente. Porém a relação território-identidade é muitas vezes conflituosa. Ocupar uma área não significa transformá-la em um território íntimo, reconhecido como um espaço vivido, mas ocorre também expressivo repúdio pelo mesmo. A favela do Canindé representava essa área, despertava um sentimento paradoxal. Muitos moradores de lá se sujeitavam às condições impostas. Já Carolina rejeitava qualquer ligação emotiva, qualquer traço que a identificasse com a favela, nos sonhos encontrava a válvula de escape:

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Euníce. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê [...] (JESUS, 1963, p.31).

Considerando que território é um espaço que adquire significado na medida em que ações humanas – em uma relação dinâmica com ações sócio-político-culturais – promovem transformações, nesse cenário, o tempo assume um valor estratégico diante dessas transformações. A construção de uma identidade territorial se forma e afirma na medida em que se experiencia o espaço habitado e se desenvolve um elo emocional; desse modo, a percepção de tempo afeta a sensação de lugar.

A rejeição de Carolina pela favela é resultado das transformações de seu cotidiano, que está sempre se materializando em “algo novo”, novos sentidos. Yi Fu Tuan, ao falar sobre a experiência, em uma de suas definições diz:

Experienciar é vencer os perigos. A palavra ‘experiência’ provém da mesma raiz latina (per) de ‘experimento’, ‘experto’ e ‘perigoso’. Para experienciar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto. Para se tornar um experto, cumpre arriscar-se a enfrentar os perigos do novo (TUAN, 1983, p.10).

Ao experienciar o novo em seu cotidiano, Carolina promove o que Haesbaert denomina de “desterritorialização” – seria a destruição ou transformação de território. Lembrando que essa destruição territorial não passa, necessariamente, pelo processo de desaparecimento ou fim da localidade, mas de resignificação. Portanto, esse “algo novo materializado” é o que percebemos como reterritorialização ou uma nova projeção do território.

A favela vista e sentida na mobilidade diária de Carolina era o espaço em movimento onde a escritora forjava suas conquistas e lutava pelos direitos à visibilidade. Com Carolina, observa-se que o fenômeno da desterritorialização alcança uma amplitude que supera o sentido de destruição. Aqui desterritorializar não se limita a desarticular os poderes socialmente instituídos, ela atinge também referências fundamentais na constituição do indivíduo. A formação de uma identidade coletiva fica então comprometida, na medida em que Carolina rompia com estereótipos (de favelada padrão) e se impunha por seu mérito pessoal (ato de escrever). Desse modo, a escritora experimenta a solidão que os diferentes ou deslocados sentem em territórios estranhos. É em seu barraco e com sua escrita que Carolina busca a reterritorialização, seu espaço íntimo, resguardada da hostilidade exterior:

Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo atôa. Como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante. Lavei as roupas e o barracão. Agora vou ler e escrever. Vejo os jovens jogando bola. E eles correm pelo campo demonstrando energia. Penso: se eles tomassem leite puro e comessem carne [...] (JESUS, 1963, p.40).

A autora percebe o fosso que separa os mundos – a favela em que vivia e o mundo de alvenaria que tanto desejava: “[...] os vizinhos de alvenaria olha os favelados com repugnância. Percebo seus olhares de ódio porque eles não quer a favela aqui. Que a favela deturpou o bairro. Que tem nojo da pobreza. Esquecem eles que na morte todos ficam pobre” (JESUS, 1963, p.47). Sentia o desprezo dos companheiros de infortúnios da favela:

– Se eu pudesse mudar desta favela! Tenho a impressão que estou no inferno.
[...] Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia:
– Está escrevendo, negra fídida!
A mãe ouvia e não repreendia. São as mães que instigam (JESUS, 1963, p.20).

Da mesma maneira sentia por não ser vista ou ser desrespeitada fora da favela:

[...] Saí e fui no empório. Comprei arroz, café e sabão. Depois fui no Açougue Bom Jardim comprar carne. Cheguei no açougue, a caixa olhou-me com um olhar descontente.

– Tem banha?
– Não tem.
– Tem carne?
– Não tem.
Entrou um japonês e perguntou:
– Tem banha?
Ela esperou eu sair para dizer-lhe:
– Tem.
Voltei para a favela furiosa. Então o dinheiro do favelado não tem valor? Pensei: hoje eu vou escrever e vou chingar a caixa desgraçada do Açougue Bom Jardim. Ordinaria! (JESUS, 1963, p.127-128).

Conclusão

É notório que estudos sobre a periferia brasileira vêm atraindo mais e mais pesquisadores e ganhando forças dentro da academia. Debater sobre a realidade da população de baixa renda é desvelar intervenções públicas ineficazes. As soluções são paliativas porque as favelas só incomodam quando são vistas, e só são vistas quando incomodam.

As favelas se multiplicam, mudam suas configurações, mas continuam degradando o sujeito. Na cidade, o “eu” e o “outro” se fundem e se perdem nos subúrbios e na exclusão.

Quarto de Despejo é mais do que o retrato de uma favela. É a denúncia das condições de vida de uma comunidade marginalizada, para alguém que dispunha de poderosa arma e que soube utilizá-la, como nenhum outro: a palavra. E dessa arma Carolina Maria de Jesus fez o uso devido. Relatou, descreveu, mostrou o sofrimento, as agruras da fome, preocupada não com o apuro formal da linguagem, mas com o conteúdo da sua mensagem. O sonho de escrever um livro com os argumentos que os favelados lhe forneciam realizou-se.

Em suma, a miséria que faz Carolina visível pode, ao mesmo tempo, torná-la invisível aos olhos do outro. Para Carolina a favela não é parte integrante da cidade. A favela é uma úlcera aberta no cenário urbano.

Favela, space and subject: A conflicting relationship

ABSTRACT:

This paper aims to clarify the conflicting relationship that exists between the subject / area, center / periphery using as a reference the book *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada (1963), Carolina Maria de Jesus. To think of the slums as a “socially empty space”, according to Zygmunt Bauman, it is necessary to turn to the reflections presentes in *Liquid Modernity* (2001), as well as the considerations on social invisibility of the sociologist Jessé de Souza, and the thought on territory, place and space developed by Rodério Haesbaert.

Keywords: Slum. Center. Conflict. Invisibility. Carolina Maria de Jesus.

Notas explicativas

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFJF.

** Doutoranda em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. Apoio financeiro CAPES.

- ¹ A guerra do Paraguai foi um conflito em que o Brasil, Uruguai e Argentina (formando a Tríplice Aliança) lutaram contra o Paraguai. Foi uma disputa por territórios estratégicos comercialmente. O Paraguai era a maior potência econômica e industrial da América Latina na época. E isso incomodava muito os ingleses que queriam expandir seus interesses comerciais sobre a América Latina. O Paraguai era um poderoso concorrente comercial dos ingleses. Então era de interesse da Inglaterra que houvesse o conflito para que o Paraguai fosse aniquilado e enfraquecido. E assim aconteceu. A Inglaterra estimulou os atritos entre esses países latino-americanos para estourar o conflito. Além disso, forneceu armas e auxílio financeiro para que Brasil, Uruguai e Argentina pudessem lutar e destruir o Paraguai. Terminada a guerra, o Paraguai estava destruído, arrasado. E a verdadeira vencedora da guerra foi a Inglaterra, que nem lutou, mas desenvolveu sua hegemonia no continente enfraquecendo seu rival Paraguai de forma irreversível.
- ² O livro *Os Sertões* é dividido em três partes: A Terra, O Homem e A Luta. *A Terra* é uma descrição científica detalhada feita por Euclides da Cunha, mostrando todas as características do lugar, o clima, as secas, a terra, tudo enfim. A parte intitulada *O Homem* é descrita por um viés antropológico e sociológico. Aqui Cunha mostra os habitantes do lugar, sua relação com o meio, seu comportamento, crenças e costumes; mas fixa na figura de Antônio Conselheiro, o líder de Canudos. Já em *A Luta* Euclides da Cunha, além de relatar as expedições enviadas a Canudos, relata também cenas as quais presenciou: a fome, a peste, a miséria, a violência e a insanidade da guerra. Retratar assim o absurdo de um massacre que começou por um motivo tolo – Antônio Conselheiro reclamando de um estoque de madeiras não entregue – isso gerou um conflito sem precedentes tornando-se uma paranoia nacional, pois suspeitava-se que os “monarquistas” de Canudos, liderados por Bom Jesus Conselheiro, tinham apoio externo. No final, foi apenas um massacre violento, onde o lado mais fraco resistiu até o fim com seus derradeiros defensores – um velho, dois adultos e uma criança.
- ³ Etimologicamente, favela é um termo latino que significa pequena fava. Historicamente, é o nome de uma pequena colina de uma região da Bahia, de onde provieram os migrantes que se instalaram, pela primeira vez, no Rio de Janeiro, e ocuparam, na ocasião, uma pequena elevação, que, pela semelhança com a colina baiana, chamaram de favela. Daí o nome se estender a todas as aglomerações de barracos construídas de forma irregular.
- ⁴ Há vários trabalhos acadêmicos que abordam a formação das favelas. Entre eles o de Suzana Pasternak intitulado “Espaço e população nas Favelas de São Paulo”. Pasternak faz um levantamento sobre a população das favelas, quantos são e como vivem. Interessa-nos os números colhidos por ela. Em São Paulo julga-se que as primeiras favelas apareceram na década de 1940, onde pesquisas feitas pela Divisão de Estatística e Documentação da prefeitura de São Paulo enumeram informações sobre as favelas e favelados na Mooca (favela da Oratória), Lapa (na rua Guaicurus), Ibirapuera, Barra funda (favela Ordem e Progresso) e Vila Prudente (na zona leste, existente até hoje). “Em 1957 apurava-se na capital de São Paulo um total de 141 núcleos, com 8.488 barracos e cerca de 50 mil favelas” (FINEP/GAP, 1985, p. 66). In: PASTERNAK, Suzana. Espaço e População nas favelas de São Paulo. In: XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2002, Ouro Preto, de 04 a 08 de nov. 2002.
- ⁵ Todas as citações referentes ao livro *Quarto de despejo* respeitam a escrita da autora Carolina Maria de Jesus.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. Tempo/Espaço. In.: *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 115-122. 260p.
- CUNHA, Euclides de. *Os Sertões*: Disponível em: <http://www.euclidesdacunha.org.br>. Acesso em: 10 jan. 2011.
- FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global, 2007, p. 25-36. 314p.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização*. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 19-98. 395p.
- _____. *Territórios alternativos*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 81-100. 188p.
- JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. Edição Popular, 1963. 160p.
- PASTERNAK, Suzana. Espaço e População nas Favelas de São Paulo. USP/FAU. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/>. Acesso em: 05 jan. 2011.
- RODRIGUES, Arlete Moysés. *Moradia nas cidades brasileiras*. São Paulo: Contexto, 1994. (Col. Repensando a Geografia). 74p.

SAID, Edward. História, literatura e geografia. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 209-228. 352p.

SOUZA, Jessé. *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 09-19. 396 p.

TUAN, Yi Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*; Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983, p. 179-198. 252 p.

VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 22-73. 204 p.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In.: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida Privada no Brasil*. Vol 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 49-60. 710 p.

Recebido em: 31 de maio de 2011
Aprovado em: 23 de agosto de 2011